



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9391 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

O CURRICULAR E O CURRÍCULO: ENTRE A POTÊNCIA DA EXPERIÊNCIA E A
METAFÍSICA DO OBJETO

Ronnielle de Azevedo-Lopes - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ

**O *CURRICULAR* E O CURRÍCULO: ENTRE A POTÊNCIA DA
EXPERIÊNCIA E A METAFÍSICA DO OBJETO**

A pergunta pelo *ser* do ser morre se ela não abandona a linguagem da metafísica, porque a representação metafísica impede que se pense a pergunta pelo *ser* do ser

_HEIDEGGER.

RESUMO:

A proposta do ensaio é pensar o ~~currículo~~ fora do paradigma da teoria do conhecimento moderna: um ~~currículo~~-*devir* desvinculado do imperialismo gnosiológico ocidental, um ~~currículo~~ não metafísico; no plural, ~~currículos~~. ~~Currículos~~ diferentes do currículo gnoseocentrista legado pela tradição metafísica – gnosiológica. Para tanto, busco resgatar a experiência do verbo ~~curricular~~, a qual, traduzo do latim *currere* (correr, espalhar, percorrer... movimentar). Tentando escapar à paradigmática da teoria do conhecimento na teoria curricular hegemônica, por meio do ~~curricular~~ dialogo com o intento de Heidegger de superação da metafísica, a partir do desocultamento do ~~ser~~ como diferença ontológica e acontecimento apropriador. A rasura no verbo ~~curricular~~ e no substantivo ~~currículo~~'s, no âmbito do desencobrimento do ~~ser~~ em Heidegger, se articula no escape à metafísica presente nas paradigmáticas curriculares.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo gnoseocentrista. Metafísica. Experiência do ~~curricular~~. Diferença.

INTRODUÇÃO

A teoria e as políticas curriculares reduziram a experiência originária do verbo “*curricular*” exclusivamente a currículo, substantivo semanticamente alterado e entendido, principalmente a partir do século XIX – na reverberação do iluminismo, a seleção de conteúdos epistêmicos. *Curricular*, tal como no âmbito do *ser* por Martin Heidegger (1889-1976), é um acontecimento dinâmico exercido na existência, é ação, é verbo. Etimologicamente o verbo *curricular* vem do latim *currere* (correr, percorrer, movimentar); neste ensaio acolhemos o seu sentido como *dever* experimentado e conjugado nas singularidades da *enunciação cultural*. O *curricular*, expressão do *ser* (HEIDEGGER, 1969), se substantivou em *currículo* (*curriculum* – lugar onde se corre) espaço onde o *dever* acontece. Entretanto, de *currículo*, na modernidade, o *curricular* foi escamoteado pela tradição gnosiológica do ensino, em diferentes matrizes teóricas, positivistas ou críticas, por exemplo, em currículo: seleção de conteúdos e espaço de celebração do *cânone* científico ocidental.

Na tradição gnosiológica hegemônica, o currículo é um substantivo evocado paradigmaticamente. Currículo é um espaço prescritivo de normatividade, um *dispositivo de poder* que intenta a descrição estrutural do conhecimento em sua forma epistemológica. Em tal tradição, o currículo foi pensado como programa de “conhecimentos” a serem seguidos em vista da primazia do ensino na educação. Deste modo, advogamos neste ensaio que, resgatar a experiência originária do *curricular* pode contribuir para a superação do currículo reduzido à substancialidade e a prescrição, à metafísica. A experiência do *curricular*, como agenciamento do instante na produção de *currículos*, acena para a desparadigmatização do currículo e das políticas curriculares; e desta feita, aponta para a afirmação da diferença nas potencialidades criadoras da ação do *curricular*. Provocação ao aceno do *curricular*, a desparadigmatização do currículo passa pela quebra do vínculo teoria do conhecimento – primazia do ensino em educação – currículo; o desocultamento da teoria do conhecimento como metafísica; e, a afirmação da diferença. Não obstante, a partir de quais arranjos a experiência do *curricular* foi esquecida? Quais os desdobramentos da redução do *curricular* a currículo (substantivo e prescrição)?

1. O CURRÍCULO GNOSEOCENTRISTA E A METAFÍSICA DO OBJETO

O currículo, hegemonicamente determinado pela teoria do conhecimento, se tornou um significante substancialmente significado, a partir, da noção moderna de “conhecimento”. Nesta acepção, o currículo seria seleção de conhecimentos fundamentais, teleológicos, importantes, funcionais, técnicos, emancipadores, poderosos ou especializados, ou ainda um misto de alguns destes predicados como poderosos e especializados: “Precisamos entender os currículos como formas de conhecimento especializado para podermos desenvolver currículos melhores e ampliar as oportunidades de aprendizado. É esse tipo de meta que dá sentido à teoria do currículo” (YOUNG, 2014, p. 197). Este currículo orbita em torno da ideia de conhecimento e é fundamentalmente influenciado por esta. Por seu turno, conhecimento é o principal acúmulo de verdades da civilização ocidental e traz no seu bojo a ideia de progresso. Supostamente, sem este acúmulo não progredimos e perdemos a nossa “natureza”. Seria da natureza humana, ou pelo menos a crença nesta, a inclinação ao conhecimento: “Todos os homens tendem por natureza ao conhecimento” (ARISTÓTELES, 1969, p. 1). Os currículos são, desta feita, seleções deste acúmulo essencial que nos encaminharia necessariamente, pelo menos na fórmula moderna, ao progresso da humanidade. Afinal, na modernidade técnica “Tudo se reduz a estudar a marcha efetiva do espírito humano em exercício, graças ao exame dos processos realmente empregados para obter os conhecimentos exatos” (COMTE, 1983, p. 13).

Na modernidade, a única forma de conhecimento concebida como válida é a

tecnociência. A validade do conhecimento tecnocientífico assenta-se, supostamente, em sua natureza universal, sua envergadura, seu caráter não contingente e na sua capacidade compartimentalizar a realidade. Kant, na esteira da teoria do conhecimento da filosofia moderna, concebe que o conhecimento científico é aquele marcado por universalidade e necessidade, e por isso, aquele que valida à razão. “No conhecimento humano realmente há semelhantes juízos necessários e universais no sentido mais rigoroso, por conseguinte puros a priori. Caso se queira um exemplo das ciências basta olhar as proposições da Matemática” (KANT, 1983, p. 24). No pressuposto metafísico moderno, há um objeto disponível e representável, de um lado, e do outro um sujeito representador, o conhecimento técnico-científico seria universal e necessário; e desta feita, o único capaz de legitimar, por meio de planejamentos e cálculos, o que deve ser curricularizado, ensinado e aprendido em uma escola. Quem não possui o conhecimento técnico-científico seria, de algum modo, ou um ser atrasado ou não-emancipado encontrando-se ausente da verdade e deslocado do mundo do conhecimento.

O currículo responde adequadamente às demandas do paradigma do conhecimento técnico-científico. O currículo tem um centro e este é o conhecimento epistêmico. Neste âmbito, o currículo é gnosecentrista (do grego *gnose* = conhecimento). Para muitos curriculistas é impossível “Uma teoria do currículo sem uma teoria do conhecimento” (YOUNG, 2014, p. 193). O currículo gnosecentrista sempre reivindica um paradigma, uma resposta sistemática, uma normatividade; e desta feita, parâmetros, diretrizes e bases curriculares comuns: “A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2017, p. 7, grifos originais). O currículo gnosecentrista caracteriza-se por sua tendência a enquadramentos prescritivos, a uma vontade de sedimentação, absolutização, fundamentação, *dever ser*, regulação... paradigmaticização.

O currículo é um efeito paradigmático do conhecimento tecnocientífico e por isso concebido como conteúdo a ser ensinado – normatizado em uma sala de aula. O principal efeito do centrismo do conhecimento em currículo é a primazia do ensino dentro da escola: “Não é de hoje que a escola vem sendo não apenas definida, mas legitimada como o lugar do ensino... A escola é o lugar do ensino ou, como buscam inverter algumas teorizações mais recentes, da aprendizagem” (MACEDO, 2012, p. 719-20). Neste processo, tanto as matrizes epistemológicas positivistas quanto críticas se igualariam. A despeito de suas grandes e por vezes abissais especificidades, tanto as perspectivas tecnicistas quanto emancipatórias partem da premissa chave que a escola é o espaço privilegiado do ensino. Tanto em perspectivas tecnicistas como críticas, “ressoa a ideia de que a escola tem como compromisso primordial com a transmissão/recriação do conhecimento, que se vincula a um projeto social mais amplo, mas apenas como ferramenta” (Idem, p. 724).

O gnoseocentrismo no currículo escamoteou a acontecência da diferença e as experiências criadoras do verbo *curricular*. Desarticular o vínculo estreito entre teoria do conhecimento e currículo acena a afirmação da diferença a partir da reivindicação das experiências do *curricular*. Conforme Heidegger, a teoria do conhecimento, advogada pelos principais pensadores modernos como a principal forma de abstração e de domínio sobre o real, não passa de uma expressão da metafísica. A teoria do conhecimento tão importante à ciência e à filosofia modernas seria, portanto, desmemorização do *ser*, distanciamento da diferença, desdobramento do discurso de domínio da vontade de poder do Sujeito Moderno sobre a realidade: uma metafísica do objeto. O que se chama “teoria do conhecimento” é a constante tentativa de paradigmaticizar o que e como deve ser conhecido, a partir de categorias metafísicas como objeto, representação, cálculo e sujeito. Nas palavras de Heidegger,

A “teoria do conhecimento” e o que assim se considera é, no fundo, metafísica e ontologia, fundadas sobre a verdade assumida como certeza pela re-presentatione asseguradora (...). “Teoria do conhecimento” exprime a incapacidade fundamental e crescente da metafísica de saber de seu próprio vigor e fundamento. Falar de uma “metafísica do conhecimento” incorre no mesmo equívoco. Trata-se na verdade, de uma metafísica do objeto, ou seja, dos entes enquanto objetos, objetos para um sujeito (2002, p. 65).

2. O *CURRICULAR*, EXPERIÊNCIA CRIADORA E ESPAÇO DA DIFERENÇA

A experiência do *curricular* aponta a um *currículo* não metafísico, um espaço onde sobressaiam a diferença. A rasura por meio do destaque e do risco no *curricular* intenta uma experiência não metafísica, diferente do substantivo currículo e seu adjetivo curricular. Compreendemos que “currículo” e “curricular” legados pela tradição gnosiológica encontram-se demasiadamente desgastados e metafisicamente sobrecarregados. Traduzimos *curricular* do verbo intransitivo latino *currere* movimentar, “correr, precipitar-se, espalhar-se, ocorrer, acudir... percorrer” (Dicionário Latino Vernáculo, 1943). A rasura na tradução é uma tentativa de escapar à metafísica e sua linguagem; desta feita, me inspiro no pensamento do *ser* em Heidegger. O *ser* é a diferença ontológica entre ente e o ser da metafísica, é acontecimento apropriador, assim, não pode ser dito na mesma linguagem que o esqueceu:

O voltar-se deve ser agora o digno de ser perguntado e nisto deve ser pensado o ser que retornou à sua essência e nela desapareceu. De acordo com isto, o pensamento precursor somente pode ainda escrever, nesta esfera, o “ser” da seguinte maneira: o *ser*. O riscar cruciforme procura primeiramente repelir apenas o inextirpável costume de representar “o ser” como algo independente, para afirmá-lo como algo que, de vez em quando, se opõe ao homem. De acordo com esta representação surge a aparência de que o homem está excluído do “ser” (HEIDEGGER, 1969, p. 45).

O *curricular* é uma dinâmica verbal, de certo modo no mesmo sentido do modo como indicou William Piner (2016, p. 09) em sua constante referência a “*currere*”, na teoria do currículo. Entretanto – talvez arriscando passos não dado por Piner –, a potência do *curricular* não parte de nenhum *apriorismo*, tampouco de uma concepção axiológica ou epistemológica dada. O *curricular* não pode ser determinado por nenhum paradigma; escapa qualquer a sistematização metafísica. Nestes termos, o *curricular*, assim como o *ser*, foi esquecido na sedimentação da tradição gnosiológica. No entanto, uma vez desmantelado o vínculo entre teoria do conhecimento – verdade – currículo, o *curricular* pode ser experimentado, trazendo no bojo de sua experiência a diferença por meio de outro ou outros *currículo*²s.

Os *currículos* desdobrados do *curricular* são espaços em *devir*. São *currículos* não metafísicos. Sem fundamentos, sem respostas últimas e sem paradigmas acenam para um “vazio normativo”, uma impossibilidade de fechamento discursivo: “este vazio se constitui não pela a simples ausência, mas pela impossibilidade de plenitude, de fundamento” (LOPES, 2015, p. 120). Em outros termos, os *currículos* não metafísicos fissuram a normatividade sedimentada pela tradição gnosiológica ocidental.

O verbo *curricular* é a diferença entre o substantivo currículo e o adjetivo curricular presente nas teorias e políticas curriculares. Acionando o pensamento de Heidegger,

curricular é o *ser* esquecido do currículo e das teorias curriculares hegemônicas. Recuperar sua experiência pode se desdobrar na afirmação da acontecência da diferença: “O ocultamento do ser (essência no sentido verbal) do ~~ser~~ ainda não desocultado, esconde tesouros inexplorados e permanece a promessa de um achado que apenas espera por uma procura adequada” (HEIDEGGER, 1969, p. 50).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum – Educação é a base**, 2017. [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf], acessado: 30 de Junho de 2017.

COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia Positiva**. In Os pensadores. Trad.: José Arthur Giannotti. 2ª.Ed. São Paulo, Abril Cultural: 1983.

HEIDEGGER, Martin. A superação da metafísica. In: **Ensaio e Conferências**. 2. ed. Tradução Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Sobre o problema do ser (ou Sobre a Linha)**. 2.ed. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Livraria duas Cidades, 1969.

_____. **O Que é Isto – A Filosofia, Identidade e Diferença**. 2. ed. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Livraria duas Cidades, 1978.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. In Os pensadores. Trad.: Valério Rohden e Udo Baldur Mooshurger. 2ª.Ed. São Paulo, Abril Cultural: 1983.

LEITE, J. F. Marques. Et al. JORDÃO, A. J. Novaes. **Dicionário Latino Vernáculo**. Rio de Janeiro, Labor Vincit: 1943.

LOPES, Alice Casimiro. Normatividade e intervenção política: em defesa de um investimento radical, p. 117-147. In: Alice Casimiro Lopes; Daniel de Mendonça. (Org.). **A Teoria do Discurso de Ernesto Laclau: ensaios críticos e entrevistas**. São Paulo: Annablume, 2015.

MACEDO, Elizabeth F. **Currículo e conhecimento: Aproximações entre educação e ensino** In Cadernos de pesquisa, v.42, n. 147., 2012.

PINAR, Willian. “**Alegorias do Presente: Desenvolvimento de Currículo em uma Cultura de Narcisismo e Presentismo**”. Trad.: Alice Cassimiro Lopes e Elizabeth Fernandes Macedo. São Paulo, Editora Cortez: 2016.

Young, Michael. **Teoria do currículo: o que é e por que é importante?** Trad. Leda Beck In Cadernos de pesquisa, v.44, n. 151, 2014.